

RESENHAS

OS COMBATENTES DA PAZ: OS COMUNISTAS BRASILEIROS E AS CAMPANHAS PACIFISTAS DOS ANOS 1950

RICARDO ÂNTONIO MENDES*

[Livro: RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Combatentes da Paz: os comunistas e as campanhas pacifistas dos anos 1950*. Rio de Janeiro. 7 Letras/FAPERJ, 2011, 252p.]

O período compreendido entre 1945 e 1955, em geral, é associado a temas como a explosão da primeira bomba atômica pelos Estados Unidos seguida pela da União Soviética, o domínio norte-americano da tecnologia da bomba de hidrogênio, a formação dos blocos militares de ambos os lados (Pacto de Varsóvia e Otan), a vitória da revolução comunista na China e a primeira crise de Berlim. Todos esses eventos foram componentes de um imbróglgio de tensões, de possíveis respostas às iniciativas do adversário que pudessem colocar em perigo a manutenção do que ideólogos de ambos os lados, ainda que com sinais trocados, entendiam como sendo a sua utopia.

A existência do medo mútuo em relação ao adversário é a tônica do período. Do lado norte-americano, o aumento do prestígio do comunismo a partir da Segunda Guerra Mundial e a expectativa de que o pós-guerra fosse marcado por uma nova depressão contribuíam para que os *policy makers* norte-americanos entendessem que a União Soviética desenvolvia as mesmas estratégias adotadas pela Alemanha no período que antecedeu a II Guerra. Por isso mesmo buscavam alertar para essa nova ameaça através do jargão: “lembrem-se de Munique”. A alusão era em relação à postura adotada por diversas nações que, em nome da paz, cediam às pressões da Alemanha nazista, resultando na guerra.

Do lado soviético, também se desenvolveu um temor correlato. O receio era em relação ao domínio da tecnologia nuclear pelos Estados Unidos e de sua ampla liderança no plano bélico nessa área. Para essa potência comunista, os países capitalistas estariam desenvolvendo um cerco ao bloco comunista e seria imperioso deter esse processo. Essas tensões colocavam na ordem do dia a possibilidade do desencadeamento de um novo conflito entre as duas superpotências mundiais. A Guerra da Coreia apresentou-se, de certa forma, como um marco, uma espécie de concretização dos temores para os contemporâneos de que um novo tipo de conflito, desta feita potencializada pela tecnologia nuclear, estava próximo.

É em relação ao tenso período do auge da Guerra Fria que trata o livro de Jayme Ribeiro. Intitulado *Combatentes da Paz – os comunistas e as campanhas pacifistas dos anos 1950*,¹ o livro de Ribeiro nos introduz nesse contexto por um outro caminho. Entre 1950 e 1956, o autor demonstra que foram desencadeadas diversas campanhas pela paz, de âmbito internacional, na expectativa de conter o ímpeto belicista daquele momento. O “Movimento Pela Paz”, originado a partir do Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz (ocorrido na Polônia) e do Congresso Nacional dos Combatentes da Paz (realizado na França) teve divulgação

mundial a partir do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, ocorrido em Paris e Praga entre 20 e 25 de abril de 1949. A partir de então, campanhas como o “Apelo de Estocolmo” (1950), “Apelo de Berlim” (1951) e o “Apelo de Viena” (1955) foram desencadeadas visando dar uma resposta ao aumento das tensões mundiais apenas alguns anos depois do término da Segunda Grande Guerra Mundial.

O enfoque do livro recai sobre o desenvolvimento dessas campanhas especificamente no Brasil. Sua intenção primeira é a análise de como o movimento comunista brasileiro procurou instrumentalizar o movimento pacifista em benefício da União Soviética. Mas o trabalho desvenda outras questões, ainda que não tenham sido seu alvo preferencial. Uma delas é o temor de um conflito nuclear que marcava a mentalidade daquele momento, ainda profundamente impactado pelas explosões de Hiroxima e Nagasaki cinco anos após o sobrevôo do bombardeiro Enola Gay.

Assinalando em seu início que a intenção é a de abordar as três campanhas ocorridas ao longo do período compreendido entre 1950 e 1956, efetivamente a abordagem enfatiza o “Apelo de Estocolmo” e, em função disso, o momento do desenvolvimento da campanha, basicamente o ano de 1950. Em março daquele ano, após a terceira plenária do Comitê Mundial dos Partidários da Paz, em Estocolmo, ocorreu a incorporação da Campanha pela proibição das Armas Atômicas ao movimento pela Paz que ficou conhecido como “Apelo de Estocolmo”. Segundo Jayme Ribeiro, foi esse “Apelo” que obteve destaque maior no Brasil. O objetivo dos organizadores da campanha era atingir quatro milhões de assinaturas até 30 de setembro daquele ano para serem entregues em outubro, na Inglaterra, por ocasião de encontro mundial dos partidários pela paz.

A historiografia considera que a Guerra Fria efetivamente atingiu a região do “extremo-ocidente” nos anos 1960, mais especificamente após

o desencadeamento e a vitória da Revolução Cubana. Porém, essas abordagens centram seu foco naquilo que se refere ao aumento do conflito, das tensões na região. Considera ainda que o alinhamento do Brasil com os Estados Unidos e com o bloco capitalista se deu quase que automaticamente após o término da II Guerra Mundial. Os primeiros atritos com a União Soviética teriam ocorrido na seqüência de um breve momento de aliança entre as duas nações motivada pelo confronto contra um inimigo comum: o nazi-fascismo.

Contudo, a obra de Jayme Ribeiro nos introduz nesse contexto a partir da análise das convicções, das crenças e dos valores partilhados a partir do fim do conflito mundial. Utilizando-se de autores como Baczkó e Girardet, ao abordar as imagens apocalípticas que nada tinham de fantasiosas provocadas pela nova utilização das armas atômicas, o autor nos aproxima das percepções de parcelas da população brasileira acerca da possibilidade de um confronto nuclear. É a partir desse aspecto, o dos temores, não necessariamente do comunismo, mas do desencadeamento de uma guerra atômica, que a Guerra Fria entra efetivamente no Brasil.

A particularidade da campanha enfatizada pelo autor refere-se à participação comunista no seu desenvolvimento, motivada pelas novas orientações estabelecidas a partir de Moscou. A partir de 1947, a URSS lançava uma nova “linha geral” na formação de uma ampla frente antiamericana, fruto das resoluções do Bureau Político do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). A estratégia teria um duplo objetivo: conter o avanço dos EUA no domínio da tecnologia atômica e alavancar o poderio nuclear soviético. Em função disso, o PCUS estimulou a participação dos militantes dos diversos partidos comunistas, dentre esses do Partido Comunista do Brasil (PCB), na coleta de assinaturas para o Apelo pela não utilização de armas nucleares e pela destruição desse tipo de armamento. A maioria dos comitês pela paz, assinala Ribeiro, acabaram constituídos por comunistas.

Mesmo que o pretenso antibelicismo soviético, em determinados momentos, apareça como uma tática momentânea visando proporcionar à URSS o tempo necessário para alavancar a sua indústria bélica nuclear, em outros momentos o autor aponta que a participação dos comunistas no Brasil resultou muito mais de um efetivo engajamento ao pacifismo. De outro lado, tratava-se também de um embate em torno da construção de uma representação do inimigo, tanto quanto de sua própria imagem, na medida em que lutar pela paz seria estabelecer uma perspectiva positiva que colaboraria para dar continuidade ao prestígio comunista angariado ao longo da II Guerra. No reverso da moeda, representava apontar os EUA como carrascos da humanidade. A difusão por parte dos militantes engajados na campanha dos efeitos da bomba atômica junto à opinião pública teria por objetivo, nesse sentido, apresentar a URSS como “campeã na luta pela paz” com suas ações visando o desarmamento nuclear na ONU. Ao mesmo tempo, os EUA apareciam como encarnação do Mal por ter desenvolvido as armas atômicas e possibilitarem que o drama vivido pelos japoneses se reproduzisse em algum momento de um futuro próximo. Além disso, a campanha contribuiria para que o Partido Comunista do Brasil permanecesse participando da vida política em um momento de proscricção, quando já imposta a ilegalidade do partido.

Utilizando-se de jornais comunistas, de testemunhos e de documentos originados do próprio PCB, Jayme busca reconstruir as estratégias adotadas pelos comunistas para difundir a campanha e angariar assinaturas pela paz mundial. De outro lado, caracteriza como as campanhas pacifistas eram percebidas junto ao governo brasileiro e de que forma a grande imprensa as apresentava para a opinião pública. Embora não fosse declarada ilegal pelo governo – apesar da perseguição aos seus militantes –, a campanha pela proibição das armas nucleares era apresentada em jornais da grande imprensa como um instrumento de

dissimulação em relação às reais intenções dos soviéticos: o expansionismo e a preparação para a guerra tal qual a Alemanha de Hitler. Nesse sentido, a grande imprensa teria sido responsável pela propagação de uma “formação discursiva brasileira” com “adjetivos e significados” que qualificavam os comunistas como cruéis, amorais e ateus, segundo Ribeiro. Assim, o discurso jornalístico buscou promover um consenso negativo, segundo o autor, acerca da doutrina política socialista. Daí a relevância da imprensa para a consolidação do imaginário da Guerra Fria e do pertencimento do Brasil à uma dada comunidade, partilhando valores específicos do denominado mundo ocidental.

Em relação especificamente ao Partido Comunista, a obra foca sua análise em algumas questões. Primeiro, a contradição que representou o engajamento nas campanhas pela paz, num contexto marcado pela publicação do *Manifesto de Agosto*, no qual o Partido Comunista convocava a sociedade brasileira à revolução. Jayme também nos aponta para determinadas características do universo comunista no Brasil. Através da abordagem das campanhas, somos levados a compreender os mecanismos colocados em ação para a obtenção da mobilização necessária da militância partidária. Para tal análise, o autor considera muito importante a noção de “complexo da dívida” – dos militantes em relação ao partido revolucionário.

Embora instrumentalizada pelos comunistas, a campanha foi muito mais do que isso. A existência de inúmeras organizações estruturadas para angariarem assinaturas e que contabilizavam uma participação que ia além do número de militantes engajados no partido, assim como a manifestação sistemática de personalidades nacionais e internacionais não vinculadas a essa perspectiva ideológica, contribui termos um olhar mais complexo do que a pretendida simplificação que setores da imprensa buscavam apresentar.

Em seu conjunto, o livro de Jayme Ribeiro nos leva a conhecer outras facetas da Guerra Fria. Tanto o temor do desencadeamento de uma guerra nuclear que levou cerca oitenta por cento da população brasileira a assinar somente o Apelo de Estocolmo em 1950, assim como a batalha de imagens e representações que se desenvolvia naquele momento entre os defensores do capitalismo e do comunismo, quanto os mecanismos de articulação engendrados pelo Partido Comunista do Brasil para a mobilização de sua militância.

Trata-se, sem dúvida, de um estudo inovador sobre a atuação dos comunistas brasileiros.

Notas

* Pós-Doutor e professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
E-mail: rasmric@oi.com.br

¹ RIBEIRO, Jayme Fernandes. 2011, 252p.

Data de envio: 03/07/2013

Data de aceite: 07/07/2013